

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Ariédna Áurea Teixeira de Sousa

**DIVERSIDADE EM FOCO: trabalhando as diferenças étnicas raciais através da  
literatura infantil**

Belo Horizonte

2015

Ariédna Aérea Teixeira de Sousa

**DIVERSIDADE EM FOCO: trabalhando as diferenças étnicas raciais através da  
literatura infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisbôa da Costa

Belo Horizonte

2015

Ariédna Aérea Teixeira de Sousa

**DIVERSIDADE EM FOCO: trabalhando as diferenças étnicas raciais através da literatura infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisbôa da Costa

Aprovado em 9 de maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor orientador FAE – UFMG: José Raimundo Lisbôa da Costa

---

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

## RESUMO

O trabalho trata das relações étnicas raciais através da literatura infantil. A partir das atividades de contação de histórias foi realizado um conjunto de estratégias de forma que as crianças pudessem construir uma identidade positiva de si e valorizar a diversidade. A expectativa é a da superação gradativa das desigualdades étnicas raciais, contribuindo, assim, para a implementação da lei 10.639/03. Após o memorial é apresentada a Escola Municipal Professor José Braz, enquanto instituição de formação social onde convive a diversidade. Traz um texto sobre a fundamentação teórica da temática diversidade étnica racial e literatura infantil e, em seguida explicitam os objetivos propostos e a apresentação do Plano de Ação. Ao mesmo tempo, apresenta, de forma detalhada as informações sobre a aplicação do mesmo, que é desenvolvido a partir de histórias infantis enfatizando a diversidade étnica racial, e por fim, a conclusão a que cheguei.

**Palavras-chave:** Contação de histórias. Diversidade étnica racial. Literatura infantil

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. MINHA VIDA ESCOLAR: processos de escolarização, as experiências vividas.....	07
3. O SER PROFESSORA.....	12
4. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	18
4.1 Relações das famílias com a escola.....	19
4.2 Fins e objetivos da instituição estabelecida pela legislação.....	20
4.3 Atendimento as crianças da 1ª etapa da educação básica.....	20
4.4 Concepção de crianças, a noção de “sujeitos de direito”.....	21
4.5 Concepção de currículo saberes/fazeres e a concepção sócio interacionista.....	22
4.6 Estrutura organizacional escolar e os parâmetros da organização das crianças: a organização dos tempos.....	24
4.7 Espaço físico, instalações e equipamentos.....	25
5. COLETA DE DADOS E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES RELATIVAS À IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA.....	28
6. A LEI 10.639/03 E SUA IMPLANTAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR COMO EIXO NORTEADOR DO PLANO DE AÇÃO.....	29
6.1 O reconhecimento étnico racial através da literatura infantil.....	30
7. PLANO DE AÇÃO.....	34
7.1 Justificativa.....	34
7.2 Objetivo geral.....	34
7.2.1 Objetivos específicos.....	34
7.3 Metodologia.....	35
7.4 Materiais utilizados ao longo do plano de ação.....	35
7.5 Práticas concretas.....	36
8. CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

## 1. INTRODUÇÃO

Constituindo-se num país multicultural, o Brasil convive com diferentes culturas ligadas a diferentes grupos étnicos raciais, devido a formação da população que foi miscigenada. Visando compreender e valorizar a contribuição dos povos africanos na formação do Brasil foi promulgada a lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-brasileira” para romper com práticas escolares que trabalham a História da África focalizando apenas a escravidão, visto que esse enfoque traz consigo relações de dominação, discriminação e, por conseguinte o racismo.

Mas como repensar a forma de trabalhar e resgatar a História e Cultura Afro-brasileira na escola? Pensar numa educação de qualidade e respeito à diversidade é imprescindível para formar indivíduos justos, que respeitem o próximo e acima de tudo tenham respeito por si mesmos.

Propõe-se, nesta pesquisa, um Plano de Ação para divulgar, inserir e valorizar a cultura afro-brasileira através da literatura infantil no ambiente escolar, tendo como ponto de partida os contos literários infantis. Faz-se importante uma coleta de dados relativos à implementação da lei 10.639/03 na Escola Municipal Professor José Braz onde foi desenvolvido o plano, com a faixa etária de crianças entre 4-5 anos.

Através da literatura infantil as crianças tiveram possibilidades de conhecer a si mesmos e ao mundo que as cercam, tornando ao longo do tempo, pessoas críticas, participativas e criativas, pois grandes partes das experiências vividas na infância acompanham as pessoas para sempre.

A desconstrução de mitos e crenças negativas relativos à questão racial é responsabilidade de toda sociedade, tanto a família quanto a escola precisam despertar nas crianças o respeito e o interesse pelo assunto, uma vez que a cultura afro-brasileira está presente na identidade do brasileiros.

Inicialmente, numa perspectiva histórica, resgato a trajetória do meu processo de escolarização, do ser professora, a identificação da instituição escolar, as relações famílias/escola, os objetivos gerais e específicos da escola, enfim, todos os aspectos do cotidiano escolar. Em seguida, o foco central que é a implementação da lei, através deste Plano de Ação.

## **2. MINHA VIDA ESCOLAR: processos de escolarização, as experiências vividas.**

Iniciei minha vida escolar em 1981, aos seis anos no pré-primário da Escola Estadual Luiz Borges Ferreira Gonzaga, a única escola da cidade de Rio Manso que está localizada no estado de Minas Gerais e na região metropolitana de Belo Horizonte. Quando entrei para a escola o ano letivo já havia começado. Demorei a entrosar com os demais colegas e com a professora que chamávamos de tia.

Esse tipo de tratamento que ainda é adotado em algumas escolas. Embora na escola em que trabalho evita-se esse tratamento. É importante que a criança já aprenda desde cedo a identificar que ela pertence a diferentes grupos sociais e instituições. Que ela entenda que a escola é uma instituição diferente da família, mas que faz parte de sua vida que os professores possuem cada um uma identidade própria.

Freire (1997, p.9) afirma que:

A tarefa de ensinar não deve transformar a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco.

Esse tratamento infantil vem desde a década de 60 “As causas do modismo são diversas. Uma delas é a mãe, que para trabalhar fora de casa, sente-se aliviada de entregar o seu filho a “tia”, figura boazinha e amiga das crianças”. (COUTINHO apud NOVAES, 2005, p.43).

Voltemos a minha vida escolar.

O ambiente escolar era totalmente desconhecido para mim, fiquei ansiosa e assustada.

Até então, nunca havia tido nenhum contato direto com escola, pois morava em um sítio afastado da cidade. Mas, com o passar do tempo, acostumei-me com aquele ambiente e até gostava. Foi nesta época que tive o contato com os primeiros livros de histórias infantis. A escola não possuía muito, mas era um dos momentos

mais prazerosos, quando a professora contava uma história e depois deixava-nos folhear o livro.

No ano seguinte, em 1982, fui para a primeira série. Conhecia quase todos os colegas, pois já havíamos feito o pré-escolar juntos. Mas a professora não era a mesma. Embora os tempos para as brincadeiras e as conversas eram menores, consegui adaptar-me muito bem. Em 1983, fui para 2º ano. Lembro-me que a professora pediu que comprássemos o livro “O Burrinho Alpinista”. Foi o meu primeiro livro de histórias. Gostei tanto que até hoje o tenho guardado. Consegui ter um ano produtivo e passei direto para a 3ª série.

No ano de 1984 frequentei a 3ª série. Em 1985 frequentei a 4ª série. Nesses dois anos tive a mesma professora. Tive certa facilidade para aprender os conteúdos mais as aulas não tinham muitas novidades. Eram cansativas e monótonas. Durante as aulas ficávamos somente sentados em fileiras olhando para frente. Copiávamos quase todo exercício no quadro.

Ela tinha uma linha de trabalho bem tradicional. Todos os dias a primeira coisa que ela fazia era passar um texto no quadro para que copiássemos. Depois, ela tomava a leitura oral. Lembro-me que ela também pediu que decorássemos os fatos e depois ela tomava oralmente de cada aluno. Era muito rígida. Não dava oportunidades de os alunos se expressarem. Alguns alunos eram punidos quando não cumpriam as normas e as ordens. Ninguém ousava questionar as atitudes da professora sua autoridade era indiscutível.

As crianças ficavam de castigo, sem merenda, inclusive depois da aula. Os pais davam total apoio à escola não questionando as suas determinações. Não tenho lembranças de nenhum tipo de interação entre família e escola.

Hoje em dia é muito diferente. As escolas recebem livros didáticos e literários, jogos, xérox para evitar cópias exaustivas e a relação dos professores com os alunos são bem mais flexíveis. Atualmente percebem-se grandes mudanças especialmente entre família / escola.

No ano de 1985 quando estava na 4ª série ainda recebi o conhecimento de forma passiva. Isto fazia com que muitos alunos perdessem o interesse e abandonavam a escola ao concluir a 4ª série. Ainda neste ano de 1985 passamos por momentos difíceis. O prédio da escola foi interditado devido a uma tempestade e fomos estudar em cômodo de loja que ficava bem na praça, sem ventilação

apropriada, que se dava somente por uma porta e esta ficava virada para rua. Assim, todos que passavam acabavam tirando a atenção dos alunos da aula.

Na hora da merenda a turma precisava caminhar até a casa paroquial onde foi instalada a cantina. Assim, gastávamos uns bons minutos no trajeto. Toda esta situação prejudicou bastante a qualidade do ensino. Duas coisas boas ficaram marcadas: A primeira foi um passeio no zoológico no dia das crianças e a outra um piquenique no último dia de aula, estas atividades deixam marcas positivas mostrando quando a escola é atrativa torna-se um lugar onde a criança quer frequentar, despertando o interesse e a vontade de aprender.

No ano seguinte, 1986, fui para 5ª série. Estudei na garagem da prefeitura, que era toda aberta. Havia um problema, pois entrava e saía veículos e máquinas no pátio o tempo todo. Além disso, havia um esmeril muito barulhento próximo. Neste ano, houve uma mudança grande na organização escolar. Nós tínhamos muitos professores e estes precisavam transitar por vários locais da cidade, pois as turmas estudavam em locais diferentes. Quando terminava a aula de uma disciplina a turma ficava sozinha esperando o professor da outra disciplina. Muito tempo foi perdido no trajeto dos professores. Mas consegui passar e fui para 6ª série.

No ano de 1987 estudei o 6º ano no salão de São Vicente de Paula. Consegui passar apesar de ter tomado recuperação em matemática. No decorrer de 1988 cursava a 7ª série e o novo prédio da escola ficou pronto e todos passaram a estudar nele. As coisas melhoram muito. A mobilidade dos professores ao trocarem de sala, a biblioteca foi ativada, coordenação e a direção estavam sempre por perto. Fazíamos fila todos os dias na entrada. Uma vez por semana tinha à hora cívica. Ouvíamos e cantávamos o Hino Nacional.

Em 1989 fiz o 8º e o último ano do ensino fundamental. Todos na escola demonstravam satisfação. Dava sensação de melhor organização, que estavam mais motivados devido estarmos juntos no novo prédio. De todos os alunos que começaram a estudar comigo na 1ª série, somente três, contando comigo, conseguiram concluir o ensino fundamental sem repetir o ano. Em 1990 comecei a estudar o 2º grau em uma cidade vizinha, Bonfim, pois na minha cidade só era oferecido o ensino fundamental.

Este foi o primeiro ano que a prefeitura disponibilizou o transporte para os alunos estudarem o 2º grau. Assim pude fazer o curso de magistério e graduar-me como professora. Durante a minha trajetória escolar aprender muitas vezes perdia o

sentido. As atitudes da maioria dos professores deixavam os alunos reprimidos. Penso que isso contribuiu para que eu seja uma pessoa que tem dificuldade de expressar-me. Pois penso que a relação professora aluno no ambiente escolar além de ter grande importância no processo de ensino aprendizagem tem influência no comportamento da criança. Esta aprende a ter uma autoimagem positiva de si desenvolver a criatividade e se tornar um adulto seguro.

O cenário em que hoje encontro no ambiente escolar que trabalho é muito diferente. Percebe-se na relação professor-aluno uma interação. Alunos têm oportunidades de expressarem seus interesses, conhecimentos e preocupações participando de forma ativa nas aulas.

Na escola que trabalho existe a preocupação em inserir a família na participação do processo educativo, ainda que essa participação não ocorra de forma efetiva. Existem projetos específicos que envolvem as famílias nas atividades educativas tais como: Mascote da turma, Malinha da Fantasia, Contador de Histórias e Identidades, projetos institucionais como a Festa da Família, Aniversário da Escola, Festa Junina e Festa de Natal, além de assembleias e reuniões do colegiado. Com a última verba do PAP a escola contratou profissionais da Instituição Vias do Saber para dar palestras específicas para as famílias na escola, tendo em vista que a relação família/escola é importante para criar uma rede de colaboração diálogo e parcerias garantindo assim a permanência, o aprendizado e desenvolvimento das crianças. A presença da família na escola é essencial para propiciar o desenvolvimento dos alunos.

No decorrer do tempo pude observar uma grande mudança na educação desde que comecei a estudar: A universalização do ensino foi praticamente garantida, embora ainda exista evasão e repetência; Os investimentos aumentaram inclusive nos transportes escolares, houve uma grande informatização das instituições; As crianças com deficiência chegaram às escolas regulares. Os professores são mais preparados, e existem muito mais recursos. Aparentemente é pequeno o impacto na qualidade da educação, mas cada medida que de alguma forma beneficia a qualidade da educação ainda que de forma pouco visível em determinados momentos tem significado no decorrer do processo. Percebo que as coisas mudaram muito e para melhor, principalmente no que diz respeito à relação professor - aluno. Existe muito mais liberdade. Observo também que as crianças não abandonam a escola, de forma corriqueira como acontecia.

Hoje em dia, é comum as escolas oferecerem atividades culturais, jogos, músicas e brincadeiras em suas atividades cotidianas. Nos últimos anos a qualidade educacional oferecida nas diversas modalidades e redes vem demonstrando avanços. Partindo do princípio de que a formação docente é um dos fatores relacionados ao desempenho dos estudantes compreendo que a formação docente é importante, no sentido de proporcionar ao professor (a), condições para desenvolver reflexões e reorientações de suas práticas em sala de aula e, portanto, desenvolver melhor as suas atribuições de educador (a).

### 3. O SER PROFESSORA

Em 1990 com quatorze anos iniciei o ensino médio na Escola Municipal Melo Viana na cidade de Bonfim. O primeiro ano era chamado básico e já no 2º ano do ensino médio deveríamos decidir qual curso fazer. A Escola oferecia o curso técnico em contabilidade e o curso de magistério. Quando entrei para o ensino médio já sabia que iria cursar magistério, pois este já era um desejo desde a infância, quando eu já gostava de brincar de escolinha e era a professora.

Penso que possivelmente minha escolha em atuar como professora possa ter alguma relação com a trajetória da minha vida escolar. Toda situação vivenciada, seja ela qual for, implica em reações. Então quando decidi ser professora quis fazer algo para transformar e melhorar a prática educativa que conheci quando estudei. Busquei sempre trabalhar com compromisso e fazer do processo educativo algo prazeroso e desafiador para criança.

Na minha classe éramos 12 alunas da minha cidade, Rio Manso. O prefeito que havia sido eleito nesta época era professor. Um dos poucos com curso superior na cidade. Então, ele determinou que se contratasse primeiramente para trabalhar como professora as cursistas de magistério, pois havia uma carência muito grande de professores com escolaridade de 2º grau. Na prefeitura havia várias professoras contratadas por indicação que possuíam apenas a 4ª série.

Então, antes mesmo de me formar, em 1993, já comecei a trabalhar dando aulas em uma escola de zona rural no município de Rio Manso, MG. Tudo era novo e difícil. Comecei dando aulas para uma turma multisseriada. Fui trabalhar em uma escola que tinha apenas a sala de aula, uma cozinha e um banheiro. Eu trabalhava no primeiro turno com os alunos do pré-escolar que eram duas crianças com a primeira série com cinco crianças e com uma criança na quarta série e uma colega trabalha à tarde com a segunda e terceira séries. Tive dificuldade em me organizar. Tudo era novidade, mas em pouco tempo com o auxílio de colegas fui superando as dificuldades e consegui alfabetizar todos os alunos do pré e da primeira série.

No ano seguinte de 1994, havia me formado, houve um concurso público na cidade. Fiquei classificada em 2º lugar e acabei conseguindo trabalhar numa escola mais próxima de minha casa. Comecei também a cursar pedagogia na Universidade Vale do Rio Verde (UNICOR). Formei-me em 1997 e no ano seguinte fiz o curso

complementar em supervisão pedagógica. Nos anos de 1994 a 1997 ainda trabalhei com turmas multisseriadas para anos iniciais para o ensino fundamental.

Em 1998 houve a municipalização dos anos iniciais do ensino fundamental. A rede estadual passou a oferecer somente o ensino fundamental dos anos finais (5ª e 8ª séries) e a prefeitura assumiu os anos iniciais do ensino fundamental o que de certa forma melhorou bastante o ensino, pois a prefeitura construiu quatro escolas pólo que assumiram a educação dos anos iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª série e educação infantil).

Passou a buscar todos os alunos de ônibus acabando assim com as turmas multisseriadas. As escolas pólo foram equipadas com quadra esportiva, computadores, biblioteca etc. Neste ano de 1998 fui trabalhar na escola do centro da cidade onde havia estudado, porém o prédio era do estado, mas a escola pertencia à rede municipal e passou a se chamar Escola Municipal Estelita Parreiras Borges, foi um ano muito bom, pela primeira vez trabalhei com uma única série na sala de aula, a escola era grande e organizada.

No ano de 1999 casei-me e mudei-me para Belo Horizonte. Fiz um concurso público para a prefeitura municipal de Mário Campos. Consegui uma boa classificação e comecei a trabalhar nesta cidade. Em 2000 fiz um novo concurso para supervisão pedagógica no município de Mário Campos para o segundo cargo. Passei e comecei a trabalhar também como supervisora escolar. Quando fui trabalhar em Mário Campos como professora assumi uma turma de segunda série com muitas dificuldades. Fiz um bom trabalho e consegui que a turma se desenvolvesse bem.

No ano de 2001 fiz um concurso público para trabalhar como supervisora pedagógica na rede estadual. Em 2002 comecei a trabalhar na Escola Estadual João Antônio Siqueira que ficava bem próxima de casa e deixei os cargos de Mário Campos. Trabalhei de 2002 a 2008 na rede estadual. Enquanto estava trabalhando na rede estadual em 2004, prestei um concurso público para o cargo de educador infantil para prefeitura municipal de Belo Horizonte. Fui classificada para uma das vagas e comecei a trabalhar na educação infantil em 2005.

Em 2008 fiz um novo concurso para trabalhar na rede municipal de Belo Horizonte no 2º cargo de professora de educação infantil. Fui nomeada e hoje estou trabalhando somente na educação infantil, que é onde eu gosto de trabalhar apesar de algumas dificuldades.

Ser professor é inicialmente, ter um domínio político pedagógico, didático e metodológico de conhecimentos. Segundo Libâneo (1994, p.250) “o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas”.

Mas são muitos os desafios da realidade contemporânea que exigem um profissional comprometido, responsável, reflexivo e informado, com tomada de decisão, ou seja, um profissional integrado. Diante disso a formação de professores ganha relevância. Na prática ser professor não é nada fácil, passa por problemas sociais, que refletem cada vez mais na sala de aula, pela desvalorização financeira, um indicador inquestionável, pois deparamos com professores trabalhando até três horários para chegar a um valor razoável.

Ao escrever este memorial pude refletir sobre as minhas experiências, refletir sobre minhas ações e minhas posturas enquanto educadora. Senti uma oportunidade de aprendizado, conhecimento e intervenção na realidade e, mais uma vez, a importância de ouvir e valorizar os alunos para que estes se tornem pessoas críticas, criativas e com capacidade de intervenção social. Vi também a importância de ampliar em minha prática educativa cada vez mais a busca de conhecimentos. Tenta-se mudar o perfil da educação introduzindo procedimentos e metas.

Mas ainda é necessária a implantação de políticas públicas de valorização e qualidade. Observam-se discursos, propostas e promessas, mas pouco se faz para a implementação de propostas. Como a tarefa de educar exige uma constante busca pelo conhecimento e nos últimos anos temos vivenciado mudanças e exigências relacionadas ao tema “Diversidade, Educação, Relações Étnico-raciais e de Gênero”, minha perspectiva é aprofundar conhecimentos para contribuir e implementar significativamente o meu trabalho como professora.

Fica para mim, a necessidade de uma formação continuada para que os professores possam estudar e refletir sobre a sua prática para enfrentarem as questões do cotidiano escolar, e ainda o principal, gostar do que faz.

Ao fazer uma análise sobre a prática educativa com relação à lei 10639/03 pude concluir que falta uma implementação significativa para resgatar e valorizar a história e cultura afro-brasileira.

Faz-se necessário um trabalho com ações que proporcionem uma discussão sobre o tema “Cultura Afro-brasileira”, pois tenho observado que geralmente as

atividades desenvolvidas na escola não ocorrem de forma sistemática ficando concentrado muitas vezes em datas específicas.

Quando apareceu a oportunidade de fazer um curso de especialização escolhi logo como primeira opção o curso “Diversidade Educação Relações Étnicos Raciais e de Gênero visando um aprimoramento profissional e maior segurança para trabalhar esse tema.

O curso está organizado em onze disciplinas e mais sete encontros com os professores orientadores da ACP.

A primeira disciplina do curso: Fundamentos Históricos e Sociológicos da Educação Escolar ministrada pelo professor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, traz os fundamentos históricos e socioantropológicos da educação escolar. Relação entre educação, cultura e sociedade no contexto das grandes transformações econômicas e socioculturais do mundo moderno e contemporâneo. Os profissionais de ensino como mediadores da cultura na escola.

Analisar, no campo das políticas educacionais, a emergência da inclusão e da diversidade discutindo os aspectos constitutivos de políticas de inclusão, diversidade e ações afirmativas de modo a discerni-las e relacionar a problemática inclusão, diversidade, diferença e desigualdade aos planos de ação educativa em construção é a intenção da segunda disciplina, Fundamentos da Educação Inclusiva e da Educação Especial ministrada pela professora Shirley Aparecida Miranda.

Na terceira disciplina, Movimentos Sociais, Educação, Raça e Gênero ministrado pelo professor Rodrigo Ednilson de Jesus é feito um estudo dos movimentos sociais: Dos clássicos aos novos movimentos sociais e a produção de saberes sobre relações étnico-raciais e de gênero. Os movimentos sociais e as lutas do direito à educação, ao reconhecimento e a justiça social.

José Eustáquio de Brito ministra a 4ª disciplina: Pesquisa em Educação: O contexto escolar como base de investigação. Ele nos proporciona uma reflexão sobre métodos de pesquisa em Ciências Humanas. A pesquisa em educação; A escola como campo de pesquisa; Pesquisa ação e a intervenção na escola; A construção do plano de ação.

Na quinta disciplina: Educação, Desigualdades Sociais, Raciais e de Gênero ministrada pela professora Ana Amélia Laborne apresenta as desigualdades sociais, raciais e de gênero com especial ênfase nos processos educativos que se dão no âmbito das instituições educacionais e fora delas, vividas pelas camadas populares

no Brasil. Estratégicas de reversão dessas desigualdades na educação brasileira: ações coletivas e políticas de ação afirmativa.

Natalino Neves da Silva e Fernanda Silva de Oliveira ministraram a sexta disciplina: Processos de Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, buscam discutir as diferentes formas de realização e de expressão das desigualdade e da diversidade na sociedade brasileira. Discutir a temática da diversidade e seus reflexos nas práticas educacionais.

A proposta apresentada na sétima disciplina, História da África na Educação Básica, ministrada pela professora Vanda Lúcia Praxedes é a desconstrução das imagens negativas herdadas da literatura colonial sobre o passado político dos ancestrais dos negros brasileiros; o debate historiográfico, dimensão histórica da África em sala de aula. Avanços, desafios e perspectivas atuais.

Religiões de Matriz Afro-Brasileira e Educação é a oitava disciplina ministrada pelo professor Erisvaldo Pereira dos Santos, busca trabalhar as religiões brasileiras de matrizes africanas como espaço e tempo de vivência do sagrado e dos de valores civilizatórios africanos. As ideologias de dominação colonial, a perseguição policial, a demonização, o racismo e a intolerância religiosa como obstáculos para a compreensão positivas dos conteúdos de matriz africana. O currículo escolar como campo de afirmação, negação e disputa de valores civilizatórios: desafios epistemológicos, antropológicos e éticos na formação do / a professor / a para o trato com a diversidade.

A docente Shirlei Rezende Sales responsável pela nona disciplina Gênero e Educação nos falou sobre: Teorias de gênero; Relações de gênero e as questões políticas e culturais: Diferença de gênero e educação; Preconceitos, discriminações e desigualdades de gênero; Gênero e relações raciais na escola; Relações entre gênero e sexualidade; Sociedade contemporânea e pós gênero.

A décima disciplina Diversidade Sexual e Educação, foi ministrada pelo professor Paulo Henrique de Queiroz Nogueira trazendo discussões e reflexões sobre o Sistema sexo-gênero e as dinâmicas escolares; A diversidade sexual e as implicações na educação escola: novas demandas para a inclusão ou como superar o heterossexismo; Direitos educacionais de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no campo educacional, aspectos da homofobia e a matriz heteronormativa.

Currículo: Teoria Política e Prática é a décima primeira disciplina ministrada pela professora Marlucy Alves Paraíso que apresenta: Definições de currículo; Currículo e diversidade; Seleção e organização dos conteúdos na perspectiva da diversidade étnico-racial; Multiculturalismo e currículo: dilemas e perspectivas; Diretrizes curriculares nacionais para as relações étnico-raciais e para o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira: histórico, limites e avanços.

Para a estruturação metodológica da prática pedagógica o professor José Raimundo Lisboa da Costa, ministra a disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica. Que está distribuída em sete encontros ao longo do curso.

Em cada encontro o professor orienta na elaboração do plano de ação, a organização e sistematização através de um movimento reflexivo (Ação / Reflexão / Ação). Esse movimento busca (Re) formulações das posturas e (Re) orientadas dos rumos das práticas em sala de aula.

#### 4. IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

**Nome da instituição:** Escola Municipal Professor José Braz

**Endereço:** localizada à Rua José Zuquim, nº210, Bairro Santa Margarida, regional Barreiro, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30640-180 e telefones: 3277-9174 e 3277-9120.

E-mail: empjb@pbh.gov.br

**Mantenedora:** Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.



FIGURA 1- Mapa com localização da Escola Municipal Professor José Braz

Fonte: Google Earth imagens 2014

O Bairro Santa Margarida está na parte norte da regional Barreiro. Pertencia a fazenda do Pião. Situado às margens do Ribeirão Arrudas é vizinho do Barreiro de Baixo. O Bairro Santa Margarida teve uma ocupação antiga, o desenvolvimento do bairro se intensificou com a instalação da Mannesmann no Barreiro.

O Bairro é tipicamente residencial, com pouquíssimos comércios, suas ruas são pavimentadas e possui apenas uma escola infantil. As crianças quando saem da educação infantil vão estudar o ensino fundamental na Escola Municipal Antônio Aleixo no Barreiro de Baixo ou na Escola Municipal Padre Flávio no conjunto Átila de Paiva, devido à proximidade com o Bairro.

As famílias presentes no bairro são de classe trabalhadora, poucas famílias têm dificuldades econômicas. Os pais normalmente participam da vida escolar dos filhos.

#### **4.1 Relações das famílias com a escola.**

Observa-se que desenvolvimento escolar das crianças tem estreita relação com a maneira como a família dessas crianças se relaciona com a escola. Quando a família e a escola caminham juntas o resultado são ações coordenadas, problemas enfrentados dando início ao diálogo produtivo contribuindo assim para a resolução dos problemas, descobrindo formas para que realmente haja efetivação do processo educativo.

Foi enviado um questionário para as famílias para que pudessem dar suas opiniões sobre a escola. Constatou-se que a maioria das famílias está satisfeita com a escola, sabem da importância da educação escolar na vida da criança. Alguns reconhecem que não participam, mas reconhecem que há espaço para isso. Pode-se verificar também que as expectativas da família em relação à escola é que as crianças sejam educadas e preparadas para o futuro.

Podemos concluir que embora a participação da família seja essencial na escola, não se pode dar unicamente a ela a responsabilidade do fracasso ou sucesso da criança, pois o desempenho escolar não depende exclusivamente da presença ou não da família na escola. É preciso também que a escola cumpra seu papel de educar baseada nas especificidades da infância e no conhecimento científico, exercendo práticas educativas voltadas para a aproximação família, escola. Para que haja uma educação de sucesso e qualidade é necessário um

trabalho integrado entre escola e família para atingir os objetivos de uma educação de qualidade.

#### **4.2 Fins e objetivos da instituição estabelecida pela legislação**

A E. M. Professor José Braz se respalda na lei para garantir os objetivos condizentes e necessários para o desenvolvimento das crianças da Educação Infantil. Vejamos o que determina a legislação: A Resolução CME/BH Nº 001/2012 estabelece que:

Art. 1º - a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, constitui direito da criança de 0 (zero) a 6 (seis) anos ao cuidado/educação a que o Estado tem o dever de atender, complementando a ação da família e da comunidade.

Parágrafo único - Deve ser garantida a matrícula e a permanência das crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação nas instituições de Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte (SME/BH), através de ações compartilhadas entre Educação, Saúde e Assistência Social.

Art. 2º – A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, garantindo a indissociabilidade do cuidar/educar, o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças, respeitando os princípios: Éticos; Políticos e Estéticos.

A criança não se caracteriza apenas pela herança biológica, mas também por padrões de comportamento adquiridos através das relações sociais estabelecidas pela sociedade. O desenvolvimento desses padrões acontecerá através da prática pedagógica articulada com os fundamentos teóricos e metodológicos para a educação infantil. Assim buscamos na Escola Municipal Professor José Braz uma ação educativa comprometida com uma prática pedagógica voltada para desenvolvimento infantil.

#### **4.3 Atendimento as crianças da 1ª etapa da educação básica**

A escola atende crianças da 1ª etapa da Educação Básica, faixa etária de 3 a 5 anos, conforme a nova LDB, que corresponde ao 2º ciclo da Educação Infantil. O funcionamento acontece em dois turnos: de 7:00 às 11:30 e de 13:00 às 17:30, com

seis turmas em cada turno, totalizando 263 alunos.

A quantidade de alunos é assim distribuída:

- 60 crianças de 3 a 4 anos (nascidas de 01/04/2009 a 31/03/2010);
- 80 crianças de 4 a 5 anos (nascidas de 01/04/2008 a 31/03/2009);
- 123 crianças de 5 a 6 ano.

#### **4.4 Concepção de criança, a noção de “sujeitos de direito”**

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente caracteriza como criança todos aqueles sujeitos que têm até 12 anos de idade. A EMPJB atende aqueles que contemplem entre 3 e 5 anos e 8 meses, entendendo a infância como uma categoria geracional que vem se constituindo como grupo social específico desde os séculos XVI e XVII. As Proposições Curriculares da Educação Infantil de Belo Horizonte, (2009), descreve: “por um longo tempo se acreditou que as crianças eram reflexos dos adultos, uma versão miniatura e imperfeita, seu valor se definia não pelo que eram no presente, mas pelo que viriam a ser no futuro”.

A infância é uma noção historicamente construída a partir de formas de organização da sociedade e das transformações significativas nas quais atravessa.

As infâncias, por sua vez, podem ser entendidas como formas sociais em que se definem os modos culturais de viver das crianças em determinados locais. Assim, a EMPJB acredita nas várias infâncias, nos diferentes modos de vivenciar essa experiência que se organiza, se multiplica cada vez mais nas sociedades complexas.

Desse modo, a concepção de criança/infância que se afirma nessa instituição de ensino que reconhece seus discentes como sujeitos sócio-históricos e culturais. Nessa perspectiva, a criança significa e representa o mundo, participa de uma determinada cultura e dialoga com ela e, num contexto histórico, deixa suas marcas. Na EMPJB, a infância é tratada como tempo de brincar, de jogar, representar, imaginar, sonhar, construir e reconstruir hipóteses, numa lógica que lhes é peculiar, desenvolvendo diversas linguagens. A criança no espaço desta escola vive como “sujeito de direitos”, constituindo sua identidade, valores, conhecimentos e significados, desenvolvendo sua singularidade e pluralidade nas relações com as outras crianças e com os adultos, no conhecimento do mundo e na interação com os

diversos campos dos conhecimentos. (Art.4º- Resolução CNE/CEB 05/2009).

#### **4.5 Concepção de currículo saberes/fazer e a concepção sócio interacionista.**

Ao se pensar em Currículo na Educação Infantil, é preciso considerar que vivemos numa sociedade onde não existem grupos homogêneos. Sendo assim, que saberes e fazeres são necessários para respeitar as diferenças entre as crianças, respeitando a infância nos processos de brincar, cuidar, educar, entender, atender, conversar, tratar, informar, discutir, refletir?

Nessa perspectiva, o Currículo deve atender a heterogeneidade, e considerar, sobretudo, a indissociabilidade entre o cuidar e o educar no desenvolvimento das práticas pedagógicas, assim como o brincar como forma de apropriação, de criação e recriação das culturas. Na EMPJB o trabalho é norteado pela concepção Sóciointeracionista. Considera a linguagem como atividade sociointerativa, uma vez que é pela linguagem que os sujeitos se constituem mediante as relações sociais.

As Proposições Curriculares para a Educação Infantil, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, estabelece oito linguagens, que representam as múltiplas linguagens, que as crianças utilizam articuladamente. Nossa escola enfatiza-se essas linguagens descritas abaixo:

1 - Artes plásticas e visual – As relações da criança com ferramentas da arte fazem parte do cotidiano da Educação Infantil.

O ensino da arte é fundamentado em três ações básicas: O apreciar, o fazer ou o experimentar (desenhar, pintar, esculpir, gravar, performar, conceituar, fazer instalações, criar novas mídias) e o contextualizar ( História da Arte).

2 - Música - O ensino da música se tornou obrigatório nas escolas brasileiras lei 11.769/2008. Portanto deve-se buscar um entendimento global da criança, processo de percepção (atenção), identidade social, sensorial, motor e pensamento e linguagem é fundamental para mediar o conhecimento da criança. A partir daí, buscar abordagens metodológicas em música coerente com sua concepção de criança, educação infantil da área de interesse música acessível a vida cotidiana da criança.

3 - Linguagem escrita. Desde cedo, as crianças expostas a diferentes materiais escritos. Elas formulam suas próprias hipóteses, o que é natural, vivem socialmente em grupos.

A escolar deve oferecer as crianças experiências significativas de exposição no material escrito vivenciando a necessidade e a importância da leitura e da escrita, desde o 1º dia de sua escolarização.

4 - Linguagem matemática. As ações pedagógicas devem ser trabalhadas de maneira intencional e possibilitar as crianças a caminhar rumo à construção e a aquisição de conhecimentos matemáticos.

Dessa forma, para as aulas de matemática, a valorização das brincadeiras infantis significa a conquista de um forte aliado no processo de construção e expressão do conhecimento e permite ao observado atento interpretar as sensações, os avanços e as dificuldades que cada criança tem na construção e expressão do seu saber. De fato, Enquanto ela brinca, ela pode ser incentivada a realizar contagens, comparação de quantidades, identificar algarismos, adicionar pontos que fez durante a brincadeira etc.

5 - Natureza, sociedade e cultura - Pensar na relação da Educação infantil com sociedade, a natureza e a cultura. É tratar de tudo o que acontece dentro e fora da unidade e Educação Infantil. É focar nas crianças seus jeitos de ser, de pensar, de sentir. É também pensar nos Educadores e nas famílias.

Dentro do tempo e espaço, estamos nós os serem vivos, que também fazemos parte da natureza. Então para compreendermos natureza, sociedade e cultura, precisamos antes de tudo pensar que a vida, as artes, as cidades, a linguagem e o trabalho existem porque existe interação e relação entre tudo o que há sobre o planeta.

6 - Linguagem corporal. No contexto da Educação Infantil, a linguagem corporal pode ser entendida como o meio usado pelas crianças para expressar o que pensam, sentem e desejam transmitir como ideias, pensamento e emoções utilizando gestos, movimentos do corpo - Estimula a criança a utilizá-la é uma maneira de contribuir para seu pleno desenvolvimento cognitivo e social.

7 - Linguagem digital - Vivemos numa sociedade caracterizada por sua complexidade e ampla utilização de tecnologias de armazenamento, processamento e transmissão de dados. Desse modo a escola se vê diante da necessidade de uma

educação de qualidade e utilização consciente dos softwares pela instituição e escolha das atividades sob medida para cada proposta a ser realizada.

8 - Brincar e Educar. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil vol 1 no que diz respeito ao brincar é que a brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”.

Nas brincadeiras, as crianças transformam o conhecimento que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis.

Além disso, tem-se uma seleção dos conceitos e capacidades destacados em cada linguagem para serem trabalhados com as crianças durante o ciclo da educação infantil. De forma geral, se pode entender os conceitos em destaque como os itens a serem enfatizados de cada linguagem trabalhada e, conforme propõe a etimologia: do latim conceptus, do verbo concipere, que significa "conter completamente", "formar dentro de si".

É aquilo que a mente concebe ou entende: uma ideia ou noção, representação geral. E as capacidades podem ser entendidas como os desafios individuais ou coletivos a serem atingidos com as crianças dentro de cada linguagem, ou seja, é construir possibilidades pedagógicas que propiciem às crianças habilidades de prender, receber ou absorver. É importante ressaltar, que as linguagens devem ser trabalhadas de forma interdisciplinar sempre que possível e, ainda, que o brincar é uma postura inerente à faixa etária em atendimento nesta instituição, devendo ser sempre a metodologia mais apropriada para o trabalho pedagógico.

A linguagem oral não aparecerá em destaque isolado, pois também se acredita que ela é eixo imprescindível de qualquer trabalho, sendo considerada inerente a todo processo de escolarização, de formação, de educação. Desta forma, ao se enfatizar uma linguagem, dever-se-á também contemplar a linguagem oral como metodologia para o desenvolvimento do trabalho escolar.

#### **4.6 Estrutura organizacional escolar e os parâmetros da organização**

## **das crianças: a organização dos tempos**

A escola atende crianças do 2º ciclo da Educação Infantil, faixa etária de 3 a 6 anos e funciona em dois turnos. No 1º turno, o horário é de 7:00 às 11:30h e no 2º de 13:00 às 17:30h. A razão professor/aluno é de 1.5 em turnos alternados a cada ano, sendo uma professora apoio para duas turmas em um dos turnos e uma professora apoio para três turmas no outro.

Agrupamento/Faixa etária	Razão professor/criança
3 / 4 anos	1 professor referência e um professor apoio para 20 crianças
4 / 5 anos	1 professor referência e um professor apoio para 20 crianças
5 / 6 anos	1 professor referência e um professor apoio para 25 crianças

### **4.7 Espaço físico, instalações e equipamentos**

A Escola Municipal Professor José Braz, atualmente, ocupa uma área de aproximadamente 1.400 m<sup>2</sup>. A área construída é de 580 m<sup>2</sup>, além de uma área coberta de 107 m<sup>2</sup>. A construção é sólida e de boa qualidade, não apresenta goteiras, tem boa iluminação natural e artificial, possui água encanada, luz e rede de esgoto. Há uma permanente manutenção. O muro da área externa da escola é pintado com motivos infantis. A escola possui dois blocos, um administrativo e o outro de serviços. Na área externa tem-se um estacionamento, playground, gramado, um pátio coberto, uma piscina cercada com tela, horta e viveiro.

Visto que recursos financeiros, destinados à construção do prédio próprio para a escola, não foram suficientes para a conclusão do projeto conforme prevista pela divisão de Projetos Arquitetônicos Complementares, de dezembro de 1991, DAC. 361/91, o prédio foi entregue à comunidade deixando as esperas para futura ampliação. O projeto previa um 3º bloco, com recreio coberto e quatro salas de aula,

local que hoje é ocupado pelo gramado e pela piscina. Previa-se também, a construção de uma quadra de peteca, onde funciona o playground.

No bloco administrativo, as salas que foram construídas para Múltiplo Uso e Biblioteca foram adaptadas para salas de aula, totalizando seis, quatro salas no segundo pavimento (que é protegido por uma grade resistente) e duas no primeiro pavimento. As janelas das salas são protegidas por grades de metalon. As salas de aula são amplas, arejadas e propicia um bom trabalho pedagógico. O espaço permite flexibilidade para organização de experiências diversificadas, liberdade de movimento, atividades mais tranquilas e relaxamento.

A decoração interna de cada sala, bem como a exploração de seus recursos, acontece de maneira versátil e flexível, ficando a cargo dos profissionais que ali atuam. Todas as salas são equipadas com ventilador, caixa de som, mobiliário adequado às idades dos alunos, espelho na altura das crianças, colchões, livros, brinquedos e jogos. Há também uma televisão, um DVD e um aparelho de som, devidamente guardados em armário em cada sala à disposição das professoras/educadoras.

Além das salas de aula, fazem parte do bloco administrativo, as salas de direção, secretaria, coordenação pedagógica, despensa e espaços adaptados para arquivo morto, vestiário das auxiliares de serviços e depósito de limpeza. Todas essas salas são pequenas e sem ventilação. O mobiliário de cada uma atende às necessidades de seus usuários. Na direção, encontram-se materiais para uso do professor, tais como, máquina fotográfica, filmadora, microfones com e sem fio, etc., ainda computador, quadro branco, aparelho de telefone e fax e um arquivo contendo documentos da escola. Também está equipada com ventilador.

Na secretaria encontram-se documentos referentes aos alunos e funcionários, diários de classe, computadores e impressoras, aparelho de telefone e fax, relógio de ponto, quadro de chaves, mesas, cadeiras, armários, etc. Na coordenação pedagógica encontra-se computador, guilhotina, plastificadora, perfuradora, duplicadora a tinta, aparelho de som ambiente que distribui o som para toda área externa da escola, apostilas, e materiais de uso das coordenadoras e professoras.

A despensa é adequadamente organizada com prateleiras e freezers. O vestiário das auxiliares de serviço foi construído precariamente. É muito pequeno e conta com 2 armários, um cabideiro, uma geladeira, uma televisão. O depósito de limpeza está localizado embaixo da escada, que liga o primeiro pavimento do bloco

administrativo com o segundo pavimento. Comporta atualmente, as barracas desmontadas, de metalon (uso nas festas da escola), todo o material de limpeza e outros materiais/equipamentos fora de uso, todo o material para uso do artífice, jardinagem e piscina. A biblioteca também compõe o bloco administrativo, ocupam os espaços que foram construídos para sala dos professores, supervisão e depósito de material.

Em 1998, juntamente com a inauguração, foi realizado um concurso para escolha de um nome pra a biblioteca. O concurso contou com a participação de todos os alunos e professoras, que sugeriram diversos nomes de autores e obras literárias. A biblioteca recebeu, então, o nome de “Vinícius de Moraes”. O espaço da biblioteca é organizado e arejado. Está equipado com ventilador, oferece um bom acervo de livros infantis e material de pesquisa para as professoras. O ambiente é aconchegante, ideal para pequenos grupos de crianças. O trabalho pedagógico desenvolvido na biblioteca visa valorizar o gosto pela leitura.

Esse espaço propicia a realização de atividades relativas aos projetos de turmas, bem como, das auxiliares de biblioteca. É feito empréstimos de livros às crianças durante as visitas semanais e aos pais que a procuram. Nas paredes do primeiro pavimento do bloco administrativo estão fixados três murais (quadro branco), que servem pra divulgação dos eventos e exposição de atividades. No bloco de serviços, está a cantina com despensa e refeitório, vestiários e banheiros infantis, sendo masculinos e femininos, dois banheiros para uso de adultos, uma sala, construída para consultório odontológico que foi adaptada para salas dos professores e almoxarifado.

No almoxarifado está todo material necessário ao professor e ao aluno no dia-a-dia da escola, tais como; cola, borracha, lápis, cadernos, apontadores, papéis diversos, tintas, durex, fita crepe, embalagens diversas, material para organização e ornamentação de festas. A cantina é ampla, arejada e está devidamente equipada com fogão e forno industrial, forno elétrico, balança, geladeira, pia tanque e vasilhames.

## **5. COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES RELATIVAS À IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 NA ESCOLA.**

Foi realizada uma consulta sobre a implementação concreta da “lei 10639/2003 e a educação das relações étnicas raciais no espaço escolar” por meio de questionário encaminhado aos professores da Escola Municipal Professor José Braz, com o objetivo de subsidiar a (re) escrita do memorial e orientar a elaboração do plano de ação.

O questionário foi aplicado a quinze professores.

Depois de ler e analisar as respostas das pode-se concluir que a maioria dos entrevistados percebe positivamente ou realiza práticas de inclusão sobre a temática “História da África e Cultura Afro-brasileira” em suas atividades educativas. É possível dizer que escola está caminhando gradativamente de modo a contemplar os princípios norteadores da lei 10639/2003. Podemos constatar também que embora a maioria do profissionais são receptíveis ao tema alguns sentem a necessidade de formação específica sobre o assunto. Observa-se também que há na escola recursos didáticos que abordam a diversidade racial e cultural entre as pessoas tais como: Fantoques, livros, vídeos etc.

Podemos constatar que o tema é contemplado no PPP da escola. Portanto, com base na pesquisa é possível dizer que os profissionais estão “abertos” e receptivos ao tema, mas ainda faltam formação e informação específica que contemple a temática.

## **6. A LEI 10639/03 E SUA IMPLANTAÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR COMO EIXO NORTEADOR DO PLANO DE AÇÃO**

O Brasil é um país multicultural, composto por uma diversidade étnica e cultural. A partir da década de 1990, vimos surgir um número expressivo de programas e iniciativas do governo que afirmaram o caráter pluricultural da sociedade brasileira e o respeito à diversidade. Esse tema passou cada vez mais a fazer parte do contexto político brasileiro. Assim dentre várias ações realizadas destacam, segundo Nilma Lino Gomes (Limites e possibilidades da implementação da lei 10639/03 no contexto das políticas públicas em educação), a saber:

- 1- Programa diversidade na Universidade- desenvolvido de 2002 a 2007.
- 2- Uniafro – programa de ações afirmativas para a população negra nas instituições públicas de educação superior; o Uniafro foi criado em 2005.
- 3- A Conferência Nacional da Educação Básica (CONEB) e a Conferência Nacional de Educação (CONAE) realizada em 2008.
- 4- Pesquisa sobre a diversidade nas escolas e implementação da lei 10639/03 de 2006 a 2009.
- 5- Os diálogos regionais e o plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais da educação das relações Etnico-Raciais e para ensino de história e cultura afro-brasileira e africana- Lei 10639/2003 de 2006 a 2009.

A maior parte da população brasileira é descendente de africanos e indígenas e mesmo assim existe um país cheio de preconceitos: com uma cultura que o homem branco é a raça superior.

Há algumas décadas movimentos (movimentos sociais, negros, feministas, indígena, gay etc.) chamam a atenção para a necessidade de combater preconceitos e os estereótipos para que a diversidade étnica seja respeitada. Os movimentos trazem para a escola e sociedade as discussões, colocando em nossa realidade pontos importantes a serem debatidos e analisados. De acordo com Rodrigo Ednilson de Jesus (2011, p. 164) a participação do movimento negro e de diversos movimentos sociais, na elaboração da carta Magna de 1988, “distinguiu

radicalmente das demais experiências constitucionais brasileiras ao longo do século 20, marcadas pelo autoritarismo, centralização e ausência de participação popular”.

Dessa forma a lei 10639/03 que estabelece a obrigatoriedade da inclusão da temática “História e Cultura Afro-brasileira” veio buscando romper com práticas escolares que trabalham a história da África focalizando apenas a escravidão visto que esse enfoque traz consigo relações de dominação, discriminação e conseqüentemente racismo.

Precisamos repensar a forma de trabalhar e resgatar a História e Cultura Afro-brasileira na escola, buscando uma educação multicultural na qual a diversidade étnica racial nos ensina a conviver com culturas diferentes. A educação é a chave para que haja uma sociedade mais justa e igualitária, “Torna-se necessário, portanto pensar na diversidade principalmente no âmbito da escola uma vez que a escola é entendida com um dos centros importantes de referencia da constituição do sujeito para a convivência” (ENGSTERS, 2010, p. 141).

É por meio da educação que se dão as relações entre pessoas e interações de ensinar e aprender, oferecendo elementos para dar início à compreensão de que respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim respeitá-las como expressão da diversidade, respeito que é, em si devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural).

A sociedade que aí está deve ser transformada para assim corrigir a herança que ficou de desvalorização da cultura africana. A lei 10639/03 é um instrumento que vai garantir que a realidade comece a mudar.

## **6.1 O reconhecimento étnico racial através da literatura infantil**

Ao trabalhar a literatura numa linha que enfatiza as relações étnicas raciais a escola caminhará para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, pois a atividade de contação de histórias é um componente importante na materialização de conceitos na educação infantil. A atividade de contação de histórias é uma prática comum em minhas aulas, viabilizando condições reais de conhecimento. Tenho sempre uma atitude de indagação construindo situações-problema, em que as crianças discutem, buscam soluções e possibilidades, confrontando suas ideias, assim vão construindo hipóteses e conceitos. Nessa

atividade de contação de histórias as crianças sempre mostram interessadas e curiosas refletindo positivamente na aprendizagem.

Segundo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil vol. 3, p. 143.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não são o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser ao grupo social que pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de história que as crianças ouvem em casa e nos ambiente que freqüentam, uma vez que esta história se constitui em rica fonte de informação sobre diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção de subjetividade e na sensibilidade das crianças.

As histórias veiculam mensagens informações e ideologias, problematizam e esclarecem, de forma lúdica, relevantes questões sobre a questão étnica racial. Por isso, precisamos desde cedo envolver a criança oferecendo condições para que elas saibam que todos devem ser iguais, independentes de sua cor da pele.

Ao trabalhar diferentes histórias que trazem personagens e também situações e temas abordando a diversidade étnica racial estaremos propiciando condições para que as crianças se aproximem e criem intimidade com os temas e possam falar e vivenciá-los garantindo uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida.

De acordo com Amâncio, Gomes e Jorge no livro Literatura africana e afro-brasileira na prática pedagógica (2008, p.108).

O trabalho com literatura ocupa um espaço privilegiado no atendimento aos objetivos da Lei 10.639/03, uma vez que a literatura cria oportunidades diversas para discutir aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, bem como fomentar o pensamento crítico acerca de realidades diversas.

Através das histórias lidas às crianças vão se apropriando de alguns conhecimentos e conseqüentemente irá ocorrer encadeamento de ações favorecendo a construção do respeito à diversidade étnico racial.

Neste sentido é possível desenvolver práticas pedagógicas visando trabalhar a questão étnico-racial através da contação de histórias.

São muitas as possibilidades de conversas após a leitura de uma história: comentar o texto, falar sobre o que foi compreendido, deixar que as crianças façam perguntas e dêem respostas. A atividade de comentar um livro pode ser extremamente rica e ter diferentes focos. É importante ter em mente a diferença entre “falar sobre o livro para as crianças” e “falar com as crianças a partir de um livro”. No primeiro caso, damos informação de maneira que elas possam se aproximar mais da história ou da maneira com o texto foi escrito. A conversa gira em torno do que está proposto: ao falar com as crianças, criamos condições para que o livro (seja em razão de seu conteúdo, seja de sua forma) dispare relações e comentários que dão lugar a experiências particulares de cada um delas. É um momento de troca, em que é possível aprender a se colocar, interagir e conhecer o ponto de vista de cada um. Esta é uma experiência importante que pode começar desde muito cedo. (CADERNO DE ESTUDOS: trilhas para ler e escrever textos 2011, p.18).

Portanto, os estudos, das culturas africanas e afro-brasileiras através das histórias infantis permitirão as crianças conhecimento das diferentes e múltiplas manifestações culturais dando lugar a novas referências positivas de valorização da história dos negros e dos brasileiros afrodescendentes.

Nesse sentido, <apud> (Silva apud Silva, 2011, p. 25):

O professor, ao contar história e discutir com os alunos, está promovendo sua socialização e desenvolvendo seu senso de moralidade, sem entregar para a [criança] prontos, conceitos e saberes que ela precisa construir. O objetivo não é transmitir o valor ou encontrar a resposta certa, mas ensinar a criança a pensar. Só assim ela será socializada.

A literatura infantil que traz no cerne de seus textos e ilustrações o universo africano é uma das ferramentas para efetivação da Lei 10.639/03, pois possibilitará aos leitores conhecimento sobre a África e questão afro-brasileira.

Portanto, os estudos da história da África e das culturas africanas e /ou afrodescendentes permitirão que educandos e educadores interajam com a cosmo visão do africano, sua concepção do universo, da vida e da sociedade. Ao mesmo tempo os sujeitos da educação Nacional brasileira conhecerão as diferentes manifestações do modo africano de compreensão das coisas, dos acontecimentos, seus comportamentos atuais e gestos antigos, atividades manuais reflexas e refletidas, suas atividades puramente intelectuais, bem com as relações que certos povos africanos têm com a natureza, seus antepassados e sua prática tradicionais no plano da oralidade. (AMÂNCIO, GOMES, JORGE, 2008, p.43)

No livro Ler e Escrever na Educação Infantil Discutindo Práticas Pedagógicas Brandão, Rosa (2010, p.36) diz que “alguns estudos também mostram que crianças que participam regularmente de roda de histórias desde a Educação Infantil desenvolvem conhecimento distintos daquelas que não tiveram essa experiência” A

literatura infantil, portanto vai instruir divertir e educar as crianças desenvolvendo a compreensão do mundo que a cercam. Ainda segundo Brandão e Rosa (2010, p.43): “Nesse sentido, enfatizamos que uma conversa bem conduzida após uma história lida ou contada para as crianças cumpre uma função importante, que é exatamente a de engajar os pequenos ouvintes na atividade de construir sentido”.

Apresentar aos alunos as histórias infantis com o tema étnico racial contribuirá para a formação das crianças para que estas valorizem a participação dos africanos e seus descendentes na construção da sociedade brasileira no tocante a história e a cultura africana e afro-brasileira, a disponível hoje uma consistente produção literária, acadêmica e midiática que pode servir de fonte de estudo individual e coletivo dos profissionais da educação. A inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnicos raciais no processo de socialização, além de permitir a ampliação dos referenciais formativos, simbólicos e culturais possibilita a valorização da autoestima e a afirmação identitária das crianças negras.

Na maioria das vezes o negro é apresentado aos alunos como escravo. Por isso, surge a necessidade de trabalhar nas salas de aula “o estudo da história da África e dos africanos a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e a contribuição do povo negro e seus descendentes na formação do povo brasileiro, resgatando a contribuição do povo negro e seus descendentes.

A opção por utilizar a literatura infantil está relacionada a uma proposta de ensino-aprendizagem apropriada ao desenvolvimento e compreensão das crianças, tendo em vista que as crianças mostram-se felizes e interessadas com a atividade de escutar histórias.

Através da literatura infantil as crianças terão possibilidades de conhecerem a si mesmos e ao mundo que as cercam, tornado assim pessoas críticas e criativas, pois grande parte das experiências vividas na infância acompanha as pessoas para sempre. Não só nos lembramos das histórias ouvidas como também das sensações a partir dela.

## **7. PLANO DE AÇÃO**

### **7.1 JUSTIFICATIVA**

Atualmente existe uma legislação específica que determina a obrigatoriedade do estudo da história e cultura africana nas escolas, Lei Nº 10639/2003. Tal estudo não ocorre de forma sistemática ao longo do ano, ficando concentrado muitas vezes em datas específicas.

Este trabalho justifica a partir da necessidade de implementar e desenvolver através de uma série de etapas que serão explicadas a seguir: um trabalho que valorize e divulgue a história e cultura africana no ambiente escolar visando o reconhecimento da cultura africana na formação do povo brasileiro e desconstruindo mitos e crenças negativas quanto a questão racial. Este projeto vem para inserir através da literatura infantil o conhecimento da história e cultura africana e afro – brasileira. A escola possui um vasto acervo a ser utilizado.

Tendo em vista que o projeto a ser desenvolvido será com crianças faixa etária de 3 a 5 anos, a literatura infantil é um veículo de comunicação que desperta a atenção e o interesse das crianças de modo proporcionar, a partir das histórias questionamento e reflexões sobre o tema.

### **7.2 Objetivo geral**

Divulgar, inserir e valorizar a cultura africana e afro-brasileira através da literatura infantil no ambiente escolar (sala de aula) a partir dos pressupostos e fundamentos metodológicos, contidos na lei 10.639/03.

#### **7.2.1 Objetivos específicos**

- Promover a aplicação da lei 10.639/03, tendo como ponto de partida os contos literários infantis.
- Valorizar, reconhecer a diversidade étnico-racial e discuti-las com os alunos durante as atividades desenvolvidas.

- Perceber e respeitar as diferenças individuais, culturais e religiosas refletindo com alunos as discriminações e preconceitos.
- Reconhecer a identidade do outro tendo uma imagem positiva de si.

### **7.3 Metodologia**

Primeiramente foi feito o levantamento do material bibliográfico na biblioteca da escola que abordasse a questão racial em livros de literatura infantil.

Iniciamos o trabalho com os alunos a partir da leitura do livro *As cores do Arco-Íris*. A escolha dessa obra deveu-se a pertinência do conteúdo ao tema abordado. Isso facilitou a compreensão dos alunos em relação ao tema.

Posteriormente apresentamos as histórias selecionadas de acordo com os objetivos propostos. Após, estas foram discutidas na rodinha, possibilitando a participação das crianças nas discussões com opiniões para que pudessem produzir gradativamente transformações estabelecendo assim a construção de sentido e atitudes relacionadas à educação étnica racial.

Além das rodas de história, outras oportunidades de interagir com a história foram propostas na forma de oficinas e exploração de materiais como retratos, livros e filmes, roda de capoeira, apresentações etc.

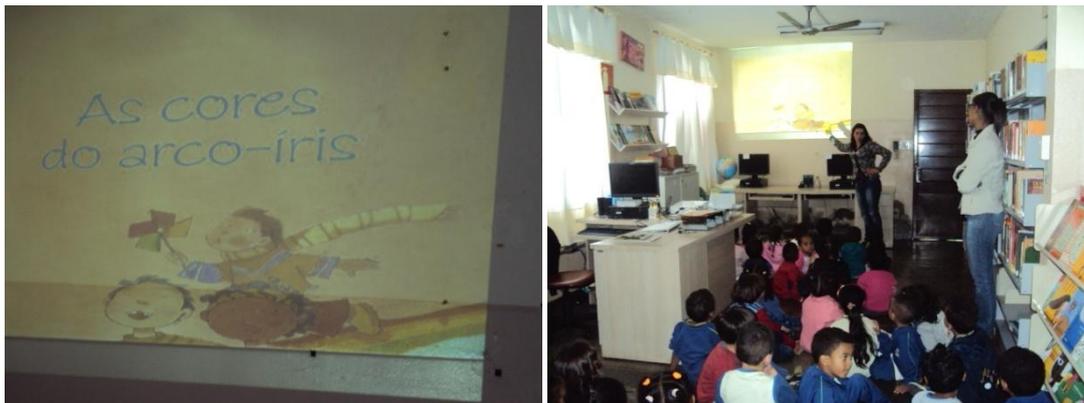
### **7.4 Materiais utilizados ao longo do plano de ação**

- Livros de literatura
- computadores
- DVD
- Câmera fotográfica
- Fantoques
- Dedoques
- Papel Marchê
- Massa de modelar
- Máquina fotográfica
- Espelho
- Tinta guache

## 7.5 Práticas concretas

O cronograma desenvolvido em sala de aula teve início em 21/07/2014 com seguinte objetivo: Discutir a diferença no espaço escolar

Para iniciar a efetivação da ação pedagógica, foi feita a leitura da história: As cores do arco-íris de Jennifer Moore Mallinos. O livro traz que as pessoas são como as cores do arco-íris, pois cada uma é única. O formato dos olhos, a cor da pele, o tipo de roupa e até os alimentos de que gostamos mostram que somos diferentes. Quando as pessoas do mundo se unem, formam um espetáculo maravilhoso: O espetáculo do arco-íris. E por serem todas humanas, devem comemorar suas diferenças. A história foi contada na biblioteca da escola, o livro foi escaneado e passamos as imagens no data Show.



Após a leitura da história, foi realizada uma roda de conversa. As crianças participaram fazendo comentários de suas diferenças em relação aos outros e demonstraram aceitação das diferenças.

Com a ajuda das auxiliares de biblioteca conseguimos fazer um desfile com as professoras representando alguns jeitos diferentes de ser e de se vestirem.



As crianças gostaram tanto que também quiseram fazer um desfile com elas representando as diferenças formas de ser.



Foi feito também a ilustração da história cada criança desenhou livremente representando as diferentes formas de ser das pessoas.

Dando continuidade ao plano de ação foi feita a 2ª contação de história no dia 28/07/2014 com o seguinte objetivo: Compreender a participação dos africanos e seus descendentes na construção social, cultural e econômica do Brasil; Compreender a sociedade brasileira a partir dos elementos culturais, históricos, estéticos, artísticos. O livro utilizado foi “Que cor é a minha cor” de Martha Rodrigues. Esta história também foi contada na biblioteca da escola e também foi feito o escaneamento do livro para melhor apreciação das imagens.



Nesta história uma menina negra faz indagações “Que cor é a minha cor” e conclui mostrando a formação do povo brasileiro: Mistura de muitas raças: Índios, Portugueses, Negros... Assim começamos a efetivar a implantação da LDB/96. ...“O estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente a História do Brasil. (LDB, art.26-A, &1). Após a contação da história houve uma roda de conversa sobre a história e a formação do povo brasileiro (os primeiros habitantes do Brasil: Os índios / A chegada dos Europeus e dos negros ). Houve a preocupação nesta parte para não enfatizar a imagem do negro de forma negativa. Durante a conversa algumas crianças se identificaram sendo da raça negra, outras da branca e outras conseguiram observar que possuem uma mistura de raças. Concluímos que o povo brasileiro é formado a mistura de raças.

As crianças receberam vários círculos de várias cores (amarelo, branco, preto, vermelho e marrom) representando raças e povos e criaram desenhos representando as pessoas. Representando o povo brasileiro realizamos também um mural coletivo (cada criança procurou em revistas a figura de uma pessoa que representasse o povo brasileiro).



Estas figuras foram coladas no mapa do Brasil.



E depois de todas coladas ficou representada a população brasileira.

Ao falar com as crianças sobre as pessoas que vieram da África foi apresentado a elas no dia 04/08/2014 imagens da África com o seguinte objetivo:

Conhecer por meio de imagens informações sobre o continente Africano, para que elas fossem materializando, a África como um continente múltiplo, promovendo a construção positiva de conceitos referentes à África e aos africanos. As crianças demonstraram encantamento e curiosidades ao observarem as imagens.

Em 11/08/2014 foi contada a história “De Vários Jeitos” de Flávia Reis com o seguinte objetivo: Promover a elevação da autoestima da criança por meio da compreensão e valorização da cultura afro-brasileira. Nesta história o encontro com o espelho pela personagem torna-se algo curioso e repleto de criatividade... A partir daí o leitor é convidado a interagir e, também participar descobrindo a si próprio ao se observarem no espelho.



Após a leitura da história cada criança foi convidada a se observar no espelho. Em seguida descreveram como se percebiam fisicamente e do jeito ser e do outro. Fizeram também o desenho do autorretrato.



No 18/08/2014 foi contada a história Meninas Negras com os seguintes objetivos: Conhecer informações sobre a localização, animais e cultura africana.

Apresentar para as crianças história e os movimentos da capoeira. Foi enfatizada a África. Três meninas personagens da história queriam conhecer um pouco da África. Uma queria conhecer a localização outra às terras, os animais, e a última queria saber sobre a cultura africana. Depois da leitura da história as crianças foram para a roda de conversa. Foi mostrado a elas o globo terrestre para que observassem a localização da África.



O próximo passo foi trabalhar os animais do continente africano. Tivemos a oportunidade de fazer uma excursão ao zoológico e as crianças puderam observar alguns animais africanos.





Ao trabalhar a cultura da África foram apresentadas as crianças algumas atividades culturais africanas com as danças, comidas e também a capoeira através de oficinas realizadas na escola.



No dia 08/09/2014 foi feita a contação da história, A semente que veio da África com o seguinte objetivo: Propiciar contato através de história com elementos que representam a África (Ex. o Baobá).

O livro começa falando das sementes que se transformaram no caule, uma espécie de pescoço que se espichava cada vez mais alto, mais alto, o Baobá.

Aproveitamos a oportunidade mais uma vez para falarmos sobre a diversidade (inclusive de sementes). Conseguimos emprestado com a casa de educação ambiental da Fundação Zoobotânica de Educação tipos variados de sementes e ovos. As crianças puderam manusear e apreciar a diversidade que também existe na natureza.



Neste livro as crianças puderam conhecer histórias sobre o Baobá, uma árvore de beleza rara e tamanho descomunal que se tornou um símbolo da África. Na oportunidade confeccionaram colares feitos de papel mache com motivos africanos, proporcionando as crianças um maior conhecimento sobre as cores e símbolos africanos.



No período de 22/09/2014 a 03/10/2014 utilizamos o livro Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado. Com os seguintes objetivos: Conhecer a beleza e dignidade em relação ao pertencimento racial / Resgatar com as crianças suas origens, suas identidades a herança étnico- racial / Construir a árvore genealógica.

O livro fala de uma menina negra e um coelho branco que a achava linda, então o coelho faz tudo para ficar negro como a menina, como ele não conseguia estava sempre perguntando a menina porque ela era daquela cor. Então a mãe da menina explica que ela é negra devido a sua raça que seus antepassados ( avó no caso) era negra. O livro possibilitou trabalhar a autoestima e as diferenças.

A contação da história foi feita usando fantoches na roda de conversa discutimos sobre o pertencimento racial.



As crianças puderam levantar hipótese sobre seu pertencimento racial e desenvolver a construção de sua identidade racial. Na oportunidade foi pedido às crianças para construir sua árvore genealógica e trazer para a rodinha. As crianças conseguiram compreender que no Brasil acontece uma mistura de raças, com na história contada, quando o Coelho Branco casa com a Coelha Negra e tem filhotes de várias cores.



É importante considerar que o professor precisa ajudar as crianças a compreenderem as intenções e ações das histórias, pois são crianças pequenas e precisa ser chamada a atenção para as informações para contextualizem tais informações.

## 8. CONCLUSÃO

A História e a Cultura dos povos africanos fazem parte da história do Brasil. Esta afirmativa se repete ao longo deste trabalho, pois foi esta constatação que motivou a condução da pesquisa que resultou na elaboração e, principalmente, a prática concreta dessas ações em sala de aula.

A escola tem um importante papel socializador a cumprir. Por isso, precisamos desde cedo oferecer às crianças oportunidades para que elas possam ter consciência de sua identidade e respeito à diversidade nas relações étnico-raciais.

Ao desenvolver este trabalho tive possibilidade de conhecer um pouco mais os alunos e, nessa relação, proporciona-lhes, condições de adquirir conhecimentos relativos às culturas africanas. Assim gradativamente, a escola implementou mais ações voltadas para romper com o mito da “democracia racial” e superar atitudes e opiniões preconceituosas sobre os negros.

Através de um questionário, encaminhado aos professores da Escola Municipal José Braz, foi possível coletar dados relativos à implementação da lei 10.639/03 na escola.

Em seguida, o Plano de Ação teve prosseguimento discutindo as diferenças raciais no espaço escolar. Através da literatura infantil foi possível fortalecer a construção da identidade e o respeito à diversidade étnica. A escola está cumprindo seu papel de educar, contemplando os princípios norteadores da lei 10.639/03

O caminho a ser percorrido para eliminar de fato com as práticas racistas ainda é longo. Mas, o professor deve priorizar as práticas docentes que buscam desmistificar as relações de dominação e discriminação que ainda perduram. Através do Plano de Ação foi dada oportunidade para que as crianças discutissem e refletissem sobre problemas confrontando suas ideias para a construção de conceitos.

O trabalho comprova que as crianças, apesar de serem pequenas, sendo bem orientadas têm condições de construir significados. Foi possível verificar interesse e participação dos alunos nas atividades propostas.

## REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Iris Maria da costa. GOMES, Nilma Lino. JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chargas (Coord.I). e RIBEIRO, Raphael Rajão (coord11). **Hitórias de Bairros (de) Belo Horizonte**: Regional Barreiro/APC BH; ACAP-BH, 2008.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: Uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora projeto, 2009.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. ROSA, Ester Calland de Souza. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo praticas pedagógicas**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do deporte. Secretaria de Educação fundamental. V. 3. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** - Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. V.10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CADERNO DE ESTUDOS: **Trilhas para ler e escrever textos**. São Paulo, SP: Ministério da Educação, 2011.

COSTA, Madu. **Meninas Negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura, Leitura e Aprendizagem**- 2º Ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil S.A, 2009.

COUTINHO, Maria Ione Alexandre. **Educadoras Infantis: O que pensam sobre questões de gênero?** 2005. 124f. Dissertação de Mestrado em Educação, do Programa Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink. **Multiculturalismo**. São Paulo: Know How, 2010

EVARISTO, Mara Catarina. **Livro do Professor** (coleção Griot Mirim) Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FACHINI, Sônia Regina Victorino. **Inclusão sócio e educacional**. São Paulo: Know How, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Limites e possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. In: Caminhos convergentes – Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. PAULA, Marilene de; HERINGER, Rosana . Rio de Janeiro, Brasil. 1ª edição; 2009.

FONSECA, Edi. Interações: com os olhos de ler. **Apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. 2012. 1ª impressão. São Paulo. Editora Edgard Blucher LTDA.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d' Água, 1997.

JESUS, Rodrigo Ednilson. Título do artigo. In: Ações afirmativas, educação e relações étnico - raciais: lutas por redistribuição e por reconhecimento. **Paidéia**: revista do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade FUMEC, nº 11. Belo Horizonte, 2011.

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral: lendo na Biblioteca da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEI 10.639/03. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2003.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LIMA, Heloisa Pires. **A semente que veio da África** /Heloísa Pires Lima, Georges Gneka, Mário Lemos. São Paulo: Salamandra, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. 7ª edição. São Paulo. Ártica, 2005.

MOORE- MLLINOS, Jennifer. **As cores do arco-íris**. 1ª Ed São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

OLIVEIRA, Iolanda de Cog. **Relações raciais e educação: Novos desafios** – Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual / Ministério da Educação. Secretaria da Educação fundamental. – 3. ed. – Brasília, 2001

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Professor José Braz. 2013

Proposições Curriculares da Educação Infantil. Rede Municipal de Educação e Creches conveniadas com a PBH. Desafios da formação. Prefeitura de Belo Horizonte – Secretaria de educação. Belo Horizonte, 2009.

REIS, Flávia. **De vários jeitos**. 1ª Ed. São Paulo: Callis, 2009.

RESOLUÇÃO CME/BH Nº 001/2012. Estabelece normas para a realização do cadastro escolar para o ensino fundamental e matrícula na rede pública de ensino de Belo Horizonte e dá outras providências. 15 de junho de 2012.

RESOLUÇÃO CNE/CEB 05/2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 17 de dezembro de 2009.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

SILVA, Natalino Neves da. Título do artigo. In: A diversidade cultural como princípio educativo. **Paidéia**: revista do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Universidade FUMEC, nº 11. Belo Horizonte, 2011.